

BÚFALOS



Uma opção de valor

Por sua maior rusticidade e elevada capacidade de transformar gramíneas em derivados de alto valor agregado, os búfalos mostram-se como excelente opção para produção de leite. Sua exploração em pequenas propriedades tem sido relevante instrumento de progresso social. Assim, fomentar sua exploração é, portanto, não só mais uma boa alternativa, mas uma escolha necessária em ambientes tropicais.

Diversamente do que se imaginava no passado, que a bubalinocultura estaria destinada a somente ocupar os chamados vazios pecuários - regiões consideradas inadequadas à criação de bovinos -, o que se tem verificado é que, nas regiões em que os criadores conseguiram organizar cadeias agroindustriais seja na produção de carne, seja na de derivados lácteos, sua expansão tem sido expressiva e sua exploração vem se revelando alternativa relevante não só em propriedades de melhor nível tecnológico como, principalmente, nas pequenas explorações, onde a bubalinocultura tem se mostrado importante fator de elevação da renda média e fixação do homem no campo.

DE ONDE VIERAM?

Os búfalos foram introduzidos no Brasil a partir do final do século XIX, usualmente em pequenos lotes originários da Ásia, Europa (Itália) e Caribe, motivados muito mais pelo seu exotismo que por suas qualidades zootécnicas. Sua grande adaptabilidade, elevada fertilidade e longevidade produtiva, permitiram que o rebanho experimentasse uma evolução significativa e, dos pouco mais de 200 animais introduzidos no país, resultaram num rebanho de 495 mil búfalos em 1980, com um crescimento anual médio de 10,86% entre 1961 e 1980.

A partir da década de 80, foi acentuada a expansão e disseminação da espécie para diversas regiões, inicialmente com o objetivo de ocupar os chamados "vazios pecuá-

rios", regiões em que, por suas características naturais, a pecuária bovina não se desenvolvia bem e, posteriormente, observou-se sua introdução mesmo em regiões de maior tradição pecuária bovina, onde passaram a ser explorados tanto para corte quanto para produção leiteira.

Do ponto de vista qualitativo destacaram-se algumas importações de animais de comprovada produtividade leiteira originários da Itália, usualmente por migrantes que buscavam produzir os derivados lácteos fabricados em seu país de origem. A última importação da Índia ocorreu em 1962 (posteriormente proibida por questões de ordem sanitária), com pequena quantidade de exemplares das raças Murrah e Jafarabadi, que se revestiram de grande importância

na bubalinocultura brasileira, por serem os primeiros oficialmente reconhecidos como “puros” destas raças e se constituírem na base para os cruzamentos por absorção a partir daí realizados. Da Itália ocorreu ainda uma última importação em 1989, envolvendo 8 animais, registrando-se, ainda, ao final do século XX, ingresso de sêmen bubalino de origem italiana e búlgara.

EXPLORAÇÃO PARA CORTE

Usualmente as explorações são feitas sob sistemas extensivos, tendo como base alimentar pastagens nativas ou cultivadas. Os partos costumam ocorrer normalmente no verão, período final de maior oferta quantitativa e qualitativa das pastagens, o que permite às matrizes um parto em boas condições corporais e, conseqüentemente, um retorno ao cio de forma mais precoce. É comum que se observem taxas de fertilidade superiores a 80% nos bubalinos, não raro até mesmo acima de 90%.

O período de aleitamento das búfalas no Brasil costuma coincidir com a menor oferta de pastagens o que, se por um lado compromete a produtividade leiteira, de outro lado, assegura ao bezerro, que no país é criado sob aleitamento natural, uma boa velocidade de crescimento até a desmama. Os animais atingem a puberdade em torno dos 24 meses, e apresentam o primeiro parto com idade média de 36 meses. Os machos atingem peso de abate (cerca de 430-480 kg) entre os 18-24 meses nos rebanhos dedicados exclusivamente a corte, e entre 30-36 meses naqueles sob exploração leiteira.

EXCELENCIA NA PRODUÇÃO DE LEITE

Principalmente a partir dos anos 90, observou-se uma significativa expansão de unidades industriais dedicadas à produção de derivados de leite de búfalas que, pelo maior

rendimento industrial e produção de produtos de maior valor agregado, tem permitido remunerar a matéria prima a preços cerca de duas vezes maiores que aqueles pagos ao leite bovino e, diversamente deste, de uma forma geralmente uniforme durante o ano, estimulando de forma pronunciada a expansão de propriedades dedicadas à sua exploração, particularmente no sudeste do país e/ou junto aos maiores centros consumidores.

“O búfalo tem uma caminhada irreversível e quem não acompanhar seu desenvolvimento ficará à margem de uma das mais promissoras atividades econômicas do segmento pecuário”
(Wanderley Bernardes, Bubalinocultor-1986)

O sistema de produção predominante tem sido a produção de leite “a pasto”. Neste caso, porém, é frequente a suplementação de volumosos nos períodos de pior oferta alimentar (outono e inverno) que, nas búfalas, em função da sazonalidade reprodutiva, coincide com o período de maior produção leiteira. Predomina a prática de uma única ordenha diária, sendo pouco comum o fornecimento de alimentos concentrados, o que acaba se tornando um fator limitante à expressão do potencial produtivo efetivo dos animais.

Tabela 1

COMPARAÇÃO DE PERFORMANCES ZOOTÉCNICAS DE REBANHO		
	Fazenda Boa Vista Jafarabadi-Corte	Fazenda Paineiras Murrah-Leite
Taxa de Fertilidade	94%	97%
Idade ao primeiro parto	36 meses	34 meses
Mortalidade de Bezerros	3%	5-6%
Ganho de peso de machos até a desmama	1.100 g/d	450 g/d
Peso de machos aos 18 meses	490 Kg	286 Kg
Peso de fêmeas aos 18 meses	455 Kg	286 Kg
Idade ao peso de abate (cerca de 450 kg)	16-18 meses	30-32 meses
Produção média de leite por lactação	-	3.000 kg

Fonte: Assumpção e Bernardes, 2006, comunicação pessoal.

DIFERENÇAS NA COMPOSIÇÃO DO LEITE DE BÚFALAS E DE VACAS

COMPONENTES DO LEITE	BÚFALA	VACA
Proteínas	4,00%	3,50%
Lipídios	8,00%	3,50%
Lactose	4,90%	4,70%
Água	82,00%	87,80%

Fonte: ABCB



Búfala de alto potencial de produção leiteira

Vem sendo observada em certas bacias leiteiras uma intensificação no manejo das búfalas leiteiras, com adoção da prática de duas ordenhas diárias, suplementação de volumosos de melhor qualidade nos períodos de escassez das pastagens, e oferta de concentrados, que permitiram uma elevação da produtividade média. No Brasil há registro de algumas fêmeas que já ultrapassaram a produção de 5.000 kg em lactações até 305 dias, caso de Gilete da Ingaí, com 5.142 kg, e há exemplares que já ultrapassaram picos diários de 25 kg - caso de Guararema da Ingaí, com 25,7 kg. Tais valores, quando considerada a composição média do leite bubalino no Brasil - contendo elevados teores de sólidos - representa um enorme valor

Relevante tem sido a procura por animais brasileiros de produção. Nos últimos cinco anos, o Brasil efetuou expressivas exportações de animais para a Colômbia (cerca de 1.000 matrizes), para a Venezuela (12 mil matrizes), para as Filipinas (2 mil fêmeas) e para Angola (cerca de 1,2 mil animais). São animais que se destinam à reprodução, visando particularmente a produção leiteira nestes países.

como componente na produção de derivados, onde obtém rendimento pelo menos 80% superior ao do leite bovino. Vale dizer que Gilete tem produção de derivados equivalente a uma vaca produzindo 9.255 kg de leite, ou seja, mais de 30 kg/dia de média, destacando-se a ainda incipiente seleção da espécie que, no Brasil, tem menos de 30 anos.

Os laticínios que processam leite de búfalas registram um aumento no consumo de derivados lácteos. Em 2010, os oito laticínios participantes do programa Selo de Pureza processaram 5,9 milhões de litros de leite, o que representa um crescimento de 472% em relação ao volume de 2001, ou seja, um crescimento médio anual de 21% no período. Além da tradicional "mozzarella", outros derivados começam a ser produzidos a partir do leite de búfalas, tais como os queijos tipo minas frescal, a ricota, doce de leite, queijo tipo coalho, iogurte e provolone, entre outros.

PERSPECTIVAS PARA O BRASIL

Um dos grandes desafios na atualidade

reside certamente na busca da melhor organização e do estabelecimento de maior equilíbrio nas cadeias comerciais de seus derivados, seja de carne, ainda muito incipiente, seja no leite, em que a distribuição da rentabilidade concentra-se hoje principalmente nos setores de distribuição em detrimento da produção primária e de insumos.

No que se refere a seus produtos (carne, leite e derivados), não restam dúvidas sobre sua excelente qualidade, propriedades sensoriais, nutricionais e mesmo funcionais. Por sua grande adaptabilidade, mostra-se como opção econômica aos mais diversos ambientes. Por sua maior rusticidade, tem mostrado respostas satisfatórias consumindo alimentos não concorrentes com o de outras espécies e resíduos agroindustriais que, potencialmente, causariam danos ambientais relevantes. Sua capacidade de transformar gramíneas em derivados de alto valor agregado e dejetos de alto valor os coloca como importante elo em sistemas naturais de produção, bem como uma opção interessante para a ocupação das áreas rejeitadas pela agricultura. Sua exploração em pequenas propriedades, onde geram ganhos substanciais aos pequenos produtores, tem-se mostrado relevante instrumento de progresso social. Fomentar sua exploração é, portanto, não só mais uma boa alternativa, mas uma escolha necessária em ambientes tropicais.

Importante destacar, ainda, que o Brasil se encontra em posição bastante privilegiada com relação à bubalinocultura, por deter o maior rebanho da espécie do Ocidente, dispor de exemplares com produtividade leiteira comparável aos melhores espécimes e, no segmento de corte, a exemplo dos zebuínos, já dispõe de animais com performances bem mais expressivas que as existentes nos países de origem, onde a atividade é relativamente pouco explorada.

Otávio Bernardes
Bubalinocultor



Criação de búfalas para produção de leite